

O MARMOIRAL DA BOUVISTA

Uma história de amor. Quem m'a contou
Foi minha bisavé, santa velhinha
Que Deus há muito para Si levou.
Tantas notícias do passado tinha
E tanto na memória as conservou
Que todos lhe pediam uma historinha.
Contou-m'a num serão, junto à lareira
E foi, tal qual assim, desta maneira:

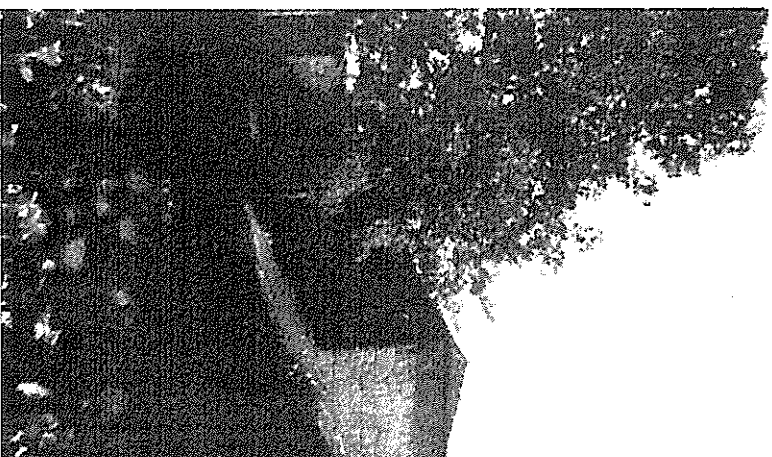
Foram terras de Paiva celebradas
Em todo o tempo pelo seus varões
Valentes, destemidos e de honradas,
Antigas e preclaras tradições.
Não menos, também, tem sido gabadas,
Por formozura, graça e por acções
De mais altas virtudes e mais belas,
Suas nativas donas e donzelas.

N'aquele antigo tempo da moirama
Em que ninguém podia haver socego
E governavam Paiva, como é fama,
Os convertidos cheiques de Lamego,
No Paço que inda de Gondin se chama,
Ao tempo, nas caçadas, dava emprego
Com galgos, com nebris e com falcões,
Um moço descendente dos Bulhões.

Donzel ainda, no moreno rosto
A penugenta barba já pungia;
Os feitos dos avós, lendo com gosto,
Em tudo os imitar lhe apeteçia;
Mas sua pouca idade, com desgosto,
De intentar fazê-lo, o proibia,
Até que o tempo, a andar sempre ligeiro,
Lhe fez sua vontade por inteiro.

Nos montes de Vegide, no castelo
Ou Torr^z, como há nome por memória,
Dom Gil, senhor de sôga e de cutelo
Vivia em já velhice merencória.
Uma só filha tem, o seu desvelo
O seu amor, a sua grande glória;
Maria Tereza, a Boa, era chamada,
Taveira, por família, apelidada.

Era tão linda! O seu cabelo loiro
Qual resplendor de santa reluzia:
Seus olhos, côr de céu, eram tezoiro
Onde a bondade extrema reluzia;
Esbelta, lhe chamavam corpo de oiro,
Como em tempos de antanho se dizia;
Branca de neve. Porém, a raridade
Era não ter orgulho nem vaidade.



O Paço de Gondin
Sobrado de Paiva
Solar de Martin de Bulhões
Pai de Santo António.

Junto da Torre havia o pelourinho
E, ao lado, um grande roble a cujo abrigo;
O nobre cavaleiro e seu meirinho,
Justiça administrava ao modo antigo;
Nunca, debalde, ali, qualquer mesquinho
De agravos se queixou. E, se o mendigo,
Invocando Jesus, abria a mão,
Nunca a lechava sem levar seu pão.

Braceiro, corajoso e temerário
Era o moço Martim. Por generoso
Seu coração ao mal era contrário
E só com bem fazer sentia gozo,
Vivendo na orfandade, solitário,
Pela gentil Maria um ardoroso
E tão profundo amor veio a nutrir
Que, um dia, em casamento a foi pedir.

Embora o de Bulhões fosse um doñzel
Rico de bens e de família nobre,
Queria, o de Vegide, para heirel
E genro algum que, mesmo sendo pobre,
Já tenha nas batalhas o laurel
Colhido pelo esforço com que obre,
—Que fosse Dom Martim fazer a guerra
E, vencedor, voltasse à sua terra.

Não fôra a donzelinha indifferente,
Do moço filho de algô, ao galanteio,
Pois que, sem o querer, o fez patente
Com seu rubôr e virginal enleio.
Sofreu, co'a dilacção, bem cruelmente
Por, de seu pai mover, não achar meio.
Mas, como boa filha, e seu dever
A' decisão paterna obedecer.

Nos Paços de Gondim, na mesma tarde
Vai reboiço para grande festa;
De signas e pendões se faz alarde,
E a ponte levadiça em baixo resta;
Grande fogueira nas cosinhas arde,
De que a fumaça negra os ares empresta.
Antes de ir para a guerra quer primeiro
Ser, Dom Martim, armado Cavaleiro.

Convoca os seus amigos. Na capela
Das armas, a vigília passa em prece.
Com alvoroço vé, pela janela,
A luz do fausto dia que amanhaece;
Mas o amor de Deus, durante a vela,
O que a Maria tem não arrefece.
E já lhe tarda vê-la com seu pai.
Que armal-o cavaleiro, prestez, vai.

Maria é quem por, praxe da nobreza,
Lhe calça a espora de oiro cinzelada;
A suspensão da espada, com presteza,
E' pelo de Virgide afixelada;
Tirando-a da baina, com firmesa
Lhe diz, dando com ela uma pancada:
Deus te faça, Martim, bom cavaleiro,
Casto, fiel, valente e verdadeiro.

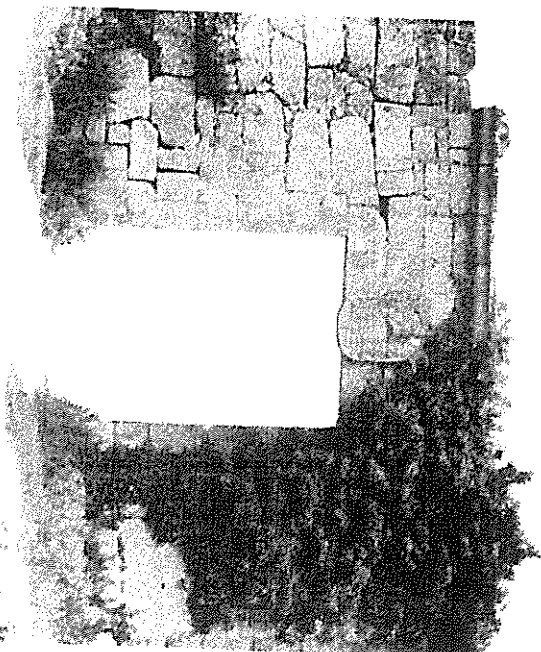
E deu-lhe a paz. A Missa vai no fim,
De amigos e parentes rodeado
A' sala, se dirige, onde um festim,
Adrede já se encontra preparado.
Ali o Capelão, com seu latim,
Benzendo a refeição, resa apressado
E logo vão sentar-se em cadeirões,
Com cruz abolotada, dos Bulhões.

Nas mesas de carvalho quási em bruto
Se espalha a mais que bárbara baixela;
A mão serve de garfo e o mais astuto,
Servindo-se da concava escudela,
Tira o melhor bocado. E, já enxuto
O vinho dos picheis solta a loquela
A' alegre companhia que já beirra,
Qual se, em vez de comer, fizesse guerra.

Mas tudo tem seu cabo. Satisfeito
O appetite voraz dos comensais
Começa a debandada. Mas, no peito
De Dom Martim, as ancias são mortais
Quando Maria, com pudico geito
E faces que de rosas são rivais,
A mão lhe estende onde elle deposita
Ardente beijo em que a paixão palpita.

Quando, da madrugada, a luz mortifica
Desperta a colovia no seu ninho,
No sôbre dia, a ponte levadiça,
A' lança de Martim abre cambinho,
Em andadura firme e apressadiça,
De Boire se dirige ao grande arinho,
Aonde a barca de Eja dá passagem,
A quem para além Douro faz viagem.

Por caminhos de monte, mais trilhados
De lobos que de humanas criaturas,
No fim de poucas horas são chegados
A' Serra de Valongo. Das alturas
Descendo a Rio Tinto, refrescados
Os rostos sentem pelas brizas puras
Que, dos barcos de pesca o curvo pane,
Fazem mover por sôbre o mar oceano,



Portal da Garrada
Sobrado de Palva
Entrada para a quinta de Martim
de Bulhões

Ao Burgo episcopal que se alcandora
Na Pena, ao rio Douro sobranceiro,
E, onde o Castelo que dos Gascos fôra,
O agigantado vulto ergue altaneiro,
Ei-los chegados pela sexta hora.
Aqui pede agazalho o Cavaleiro
Que, logo, pelo Bispo é concedido,
Sendo com gosto e honras recebido.

Reinava, nesse tempo, em Portugal
Sancho Primeiro, o Povoador inclito.
Era Senhor da vila episcopal,
Martin Rodrigues, o segundo dito
A quem o povo encarcerou. Por tal
Sofreu de Roma, e Porto, um interdito.
Por fim tudo acabou à boa paz
Que Deus é grande e sábio em quanto faz.

Daqui tomou seu rumo. Caminhando
Pela romana cale deu consiço.
Na húmida Lisboa onde, pensando,
Aos mouros do Algarve em dar castiço,
Estava Sancho uma hoste organizando,
Fazendo com Cruzados pacto amigo,
Por cujo efeito, os mouros descuidados,
Foram da forte Silves esbulhados.

Não desprezou Martim a occasião
De com seus feitos, alcançar renome,
Pois que essa é requerida condição
Para a Maria, a Boa, dar seu nome,
Mas de se distinguir tanta ambição
O sangue lhe incendeia e o consume
Que, nesta expedição, ó fado esquivo,
Tão temerário foi que foi cativo.

Neste comênos vir-se que a desgraça
Nunca anda só, mas sempre acompanhada.
A' porta de Vegide bate e passa,
Deixando-a com seu dedo, assignalada;
Do velho castelão a vida escassa
Ao derradeiro termo foi chegada,
Sem braço que a proteja, eis a donzela,
Do mal do bem querer de alguém que a zela.

Foi o senhor da Torre sepultado
Nyuma almocaba de Vegide perto,
Foi seu jazigo, do da esposa ao lado,
Na dura rocha de granito aberto,
A tampa já lhe falta e lem gravado
No fundo um esqueleto. O povo, incerto
Do caso, lhe chamou Pias dos Mouros
Crendo que ali guardavam seus tesouros.

Chegou do cativo a nova a Paiva.
Ficou Maria triste e succumbida
Porque, pelo Senhor que era, da Raiva,
Andava já de há muito perseguida;
Mister é que se diga e que se saiba
Que nêsse tempo, a terra dividida
Andava, com várias coutos, por senhores
De que o da Raiva era dos maiores.

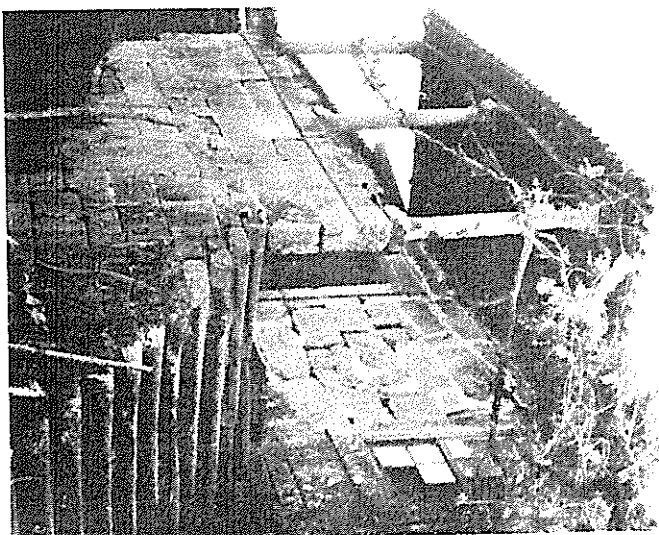
Dom Fates se chamava. No seu couto,
Por sua crueldade era temido
E, pela impunidade sempre alouto,
Ao demo tinha a alma já vendido.
Julgando com Martim o trato rôto
Por na campanha ser mal sucedido,
Em maridar-se com Maria insiste,
Mas esta a Dom Martim, fiel presiste.

No entanto o monge Hilário, capelão
Que nos Paços, ficara, de Gondim,
Ajunta os cabedais pr'á remissão
Do duro capitivo de Martim.
A um judeu astuto, a comissão
Entrega de alcançar aquele fim,
Que, ratinhando o preço do resgate
Dos mouros o obtêm sem desbarate.

Ferido na prozapia, não concebe
Dom Fafes que Maria lhe resista
E, pela violência, já se atreve
Ao tredo fim chegar que tem em vista;
Sardoura atravessando, chega em breve
Onde hoje são Portais da Boavista,
Mas eis que de improviso e de repente,
Depara com Martin na sua frente.

Era de uso no tempo, por segura
Cautela, andar-se totalmente armado;
Ao pagem que da lança tem a cura
Também o capaceze é confiado;
O escudo, do braço com a pintura,
Pelo dito escondeiro é transportado;
Um eguarico e um moço de espora,
São cinco pr'a bater-se em qualquer hora.

Envolto ns loriga, o cavaleiro
Montado em forte mula faz viagem;
A' mão vai o ginele mais ligeiro
Coberto de uma heraldica roupagem;
A espada vai na cinta. No trazeiro
Da sela, a hacha. Em homenagem
A Cristo Senhor Nosso, ao peito luz,
De aureo colar pendente, a Santa Cruz



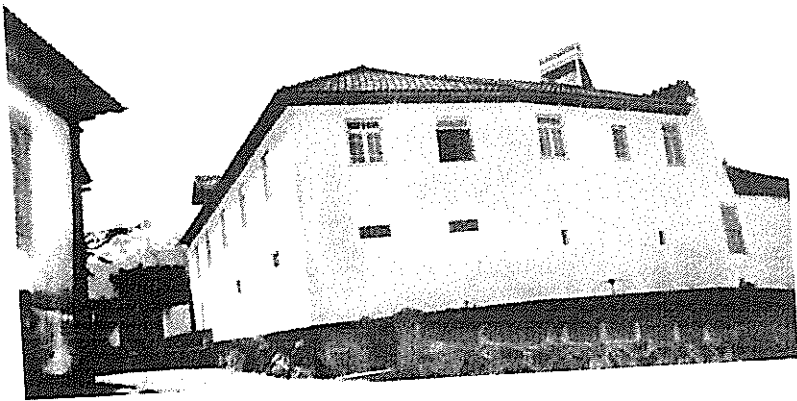
Casa da Torre de Vegide
Sobrado de Paiva
De Maria Tereza Taveira
Mãe de Santo António.

E' razo o campo e mais que bem azado
Para, em repto leal, se dar batalha;
Já cada um se cobre e, já, montado
No seu gínete o campo toma e talha.
Já no encontro, vò a estilhaçado
Da lança o fuste e o braco já trabalha
Em luta encarniçada de gigantes,
Um que se empunham fochas e montantes

Não tarda que, da sorte, o irrevogável
Decreto a que nenhum mortal se exime
Decida a qual dos dois é favorável,
Se ao que só quere o bem ou quere o crime:
Marrim, ao seu amôr, um formidável
Esfoço pede com que já oprime
Dom Fates, que, de subito ferido,
Na morte, por Deus, chama num gemido,

Mandou Marrim erguer, para memoria
Do feito, no lugar a sepultura
De Fates cujo nome quis a historia
Que conservado fosse em noite escura,
Que só merece ver a luz da glória
O nome de quem teve a vida pura.
O túmulo ainda existe e foi por tal
Que se chamou ao campo—O Marmorial.

Corrido o luto, ainda com tristeza
Maria, ao de Maritim, liga o destino,
Na Honra de Sobrado, a lenda reza
Um cenobio existiu, beneditino,
Onde, na velha torre, com surpresa
Se viram Anjos a tocar o sino
Para avisar o Céu do matrimónio
Dos que iam ser os pais de Santo Antonio.



Mosteiro Beneditino de Sobrado

Casa dos Strecht Mendes de Vasconcelos, no Chão do Outeiro, na honra de Sobrado, onde existiu a Igreja e mosteiro.